

A propósito do Seminário do CIBIO-Açores

“Sem recebermos as verbas de funcionamento são os projectos que evitam que estivéssemos completamente parados”, diz Luís Silva

O Director do CIBIO-Açores, Luís Silva, lamenta que nem a Fundação para a Ciência e Tecnologia nem a Direcção Regional para a Ciência e Tecnologia tenham pago até agora as verbas de 2017 referentes às verbas de funcionamento que permitem “acudir” a pequenas necessidades. Apesar de tudo a investigação nos Açores tem conseguido angariar projectos e desenvolvê-los mas também aqui há precariedade entre os investigadores.

Correio dos Açores - A propósito do Seminário - Biodiversidade e Ilhas, que decorreu na Universidade dos Açores, pretendeu-se partilhar a actividade do CIBIO-Açores?

Luís Silva (Director do CIBIO-Açores, unidade de investigação regional integrada na Rede de Investigação em Biodiversidade e Biologia Evolutiva - InBio) - A nossa tentativa era abrir um pouco a nossa investigação à comunidade. Este é o segundo ano que fazemos este seminário e a ideia era juntarmo-nos todos no CIBIO-Açores porque somos cerca de 40 investigadores, 18 dos quais já são doutorados, e fazemos parte do InBio que é uma rede de investigação a nível nacional que tem 180 investigadores doutorados, e nós aqui cor respondemos a 10%.

Aproveitamos para nos juntarmos e para partilharmos a investigação que fomos fazendo ao longo do ano e abrimos à comunidade académica. Tentamos divulgar também para a comunidade para saber o que fazemos durante o ano.

Os projectos que têm actualmente em curso já têm dado frutos?

É um trabalho muito variado. Tivemos várias apresentações por exemplo na área da limnologia, ou seja, dos trabalhos nas lagoas, que se têm diversificado imenso. Nas últimas décadas o nosso conhecimento sobre o estado das lagoas, sobre a evolução histórica das lagoas é imenso porque já temos uma ideia agora de como poderiam ser as lagoas no passado e como elas mudaram ao longo do tempo.

Também relacionado com as águas doces, temos trabalhos sobre a utilização de algumas cianobactérias, das algas que vivem, que podem produzir toxinas e podem afectar a saúde pública. Mas por outro lado, há também o projecto REBECA que tem uma aplicação biotecnológica, porque esses micro-organismos são muito interessantes do ponto de vista de produzirem moléculas que podem ser utilizadas, como vitaminas e uma série de coisas que essas bactérias podem produzir. Agora está a ser feito um estudo muito exaustivo das espécies que existem aqui e do seu potencial.

Também temos projectos mais transversais como a ligação da biodiversidade ao turismo e neste Seminário tivemos duas comunicações. Por um lado há um projecto que tenta valorizar as paisagens subaquáticas e criar trilhos subaquáticos, e todo um trabalho de base que poderá depois ter utilização prática.

Também na área do turismo, há um trabalho que estamos a fazer na área dos trilhos. Saber afinal qual a ocupação dos trilhos pedestres, se tem mais floresta ou mais área agrícola, o que é que as pessoas que visitam os trilhos preferem, qual a utilização dos trilhos em termos de carga. E estamos a monitorizar alguns trilhos em que estamos a usar contadores electrónicos. Isso é um trabalho que tem de ser feito durante



Luís Silva, Director do CIBIO-Açores, diz que as verbas de funcionamento ainda não foram pagas nem pela Fundação para a Ciência e Tecnologia nem pela Região

um período grande para se poder validar as observações dos aparelhos electrónicos.

E em termos de valorização do CIBIO-Açores na Universidade e no Arquipélago?

Somos um dos três centros de investigação, estamos sedeados na Universidade dos Açores, e temos cerca de 18 investigadores doutorados de um total de 40, com alunos de doutoramento e mestrado.

Na área da biodiversidade, existe o Grupo da Biodiversidade que está sedeado na Terceira, também na Universidade dos Açores, e temos agora o Centro de Investigação Okeanus que está a ser instalado no Faial. Existem três pólos importantes do estudo da biodiversidade no arquipélago, nomeadamente aqui o CIBIO.

Recentemente os três centros conseguiram colaborar numa actividade que é bastante importante. Houve um concurso a nível regional para equipamento de infra-estruturas que nos vai permitir comprar algum equipamento, que é uma coisa sempre muito difícil de adquirir porque há restrições muito grandes para a aquisição de equipamentos. Através desse concurso e juntando os três centros, pudemos por exemplo melhorar o Portal da Biodiversidade dos Açores que é um recurso que está disponível na internet. Vai ser possível juntar os nossos três centros e fazer um investimento em novos equipamentos, como capacidade de computação e material para adquirir imagens, etc., e fazer com que o Portal da Biodiversidade dos Açores seja melhorado, tenha mais informa-

ção, seja mais actualizado, mais interactivo e esteja mais disponível para a utilização do cidadão. É que através desse projecto já estão disponíveis dados sobre a distribuição das espécies que qualquer pessoa já pode consultar no portal, mas isso vai ser melhorado. Mas isto é só um exemplo.

quer em termos de concursos para projectos específicos, quer para aquilo que chamamos de verbas de financiamento.

A verba de financiamento é que tem funcionado pior ultimamente. Felizmente temos os projectos, mas as verbas de financiamento ajudam a fazer deslocações, a fazer publicações, a comprar reagentes e isso tem falhado um pouco.

Porquê?

A nível nacional, a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) está num período de avaliação dos Centros e nós temos sempre uma verba anual da FCT que é importante e este ano, essa verba ainda não veio por causa do período de avaliação e da transição para o novo Quadro de Apoio.

A nível regional também temos tido sempre apoio, mas em 2017 nós gastámos a verba de funcionamento de 2016 e já estamos em 2018 e infelizmente não recebemos ainda a verba de 2017, o que compromete um pouco as nossas actividades.

Felizmente que temos os nossos projectos, mas a verba de funcionamento ajuda bastante e estamos nesta imprevisibilidade. Aquilo que me foi transmitido é que eventualmente estará a ser pensado um financiamento plurianual.

Seria mais vantajoso?

Pelo menos saberíamos, por exemplo, no prazo de três anos o que iríamos receber naquele período seguido.

O que é facto é que este ano está a ser um pouco negativo porque já estamos praticamente em Maio e tanto a FCT, a nível nacional, como a Direcção Regional para a Ciência e Tecnologia, a nível regional, ainda não nos fizeram chegar as verbas de funcionamento. O que nos aflige mais é que ainda estamos à espera das verbas de 2017.

No entanto, o Governo Regional tem-nos permitido aceder a outros concursos. Ainda recentemente houve um concurso no âmbito do Plano Operacional dos Açores, para novos projectos, e há projectos que estão já a funcionar e já estamos a apresentar resultados. Houve um concurso recentemente que prevê a contratação de investigadores doutorados e nessa faceta não posso dizer que não há apoio, porque tem sido feito um esforço para que haja apoio. O que poderia ser normalizado eram as verbas de funcionamento que era importante que fossem normalizadas.

Essa verba de funcionamento, em termos práticos em que é que faz falta?

Nas deslocações de jovens investigadores, dos nossos alunos. Na publicação de algum artigo ou aquisição de algum reagente que seja necessário e que nós não tenhamos dinheiro no projecto pontualmente para o adquirir, ou a reparação de um equipamento. Esta verba de

“Para além das verbas de funcionamento, são os investigadores doutorados que levam uma vida muito precária. São pessoas que já estão a trabalhar em investigação há 10 anos ou mais e têm de estar constantemente e continuamente a concorrer a bolsas”

Falou na aquisição de equipamento. O CIBIO não é reconhecido em termos de financiamento?

Os nossos centros aqui nos Açores, o CIBIO Açores, o Grupo da Biodiversidade dos Açores e o Okeanus, podem aceder ao financiamento regional e ao financiamento nacional

Nos Açores há vários investigadores dos centros de investigação em situação precária



Vários projectos foram apresentados no seminário do CIBIO-Açores

funcionamento serve para acudir a uma série de pequenas necessidades. Tem muita utilidade esta verba e com isso conseguimos ajudar a manter os vários elementos do centro, os investigadores, os jovens, sempre em funcionamento. Mesmo quando os projectos vão um pouco abaixo.

Qual é o prazo até onde conseguem aguentar sem essas verbas?

Acho que já passámos esse prazo. Se não fossem realmente os projectos, agora estávamos completamente parados e isso é negativo. Por um lado, estruturas de investigação da Região têm vindo a melhorar, nós temos vindo a aumentar a produção científica, os Açores hoje em dia são conhecidos não só pelo CIBIO, mas pelos vários centros de investigação, como o Centro de Biodiversidade dos Açores, ou o antigo DOP que agora é o Centro Okeanos, que já têm uma grande produção científica a nível nacional e internacional. Esse esforço tem sido feito, mas é preciso nunca baixar a guarda e manter a actividade.

A nível nacional fala-se muito que a vida de investigador é sempre um pouco precária...

Isso é outro problema.

Para além das verbas de funcionamento, são os investigadores doutorados que levam uma vida muito precária. São pessoas que já estão a trabalhar em investigação há 10 anos ou mais e têm de estar constantemente e continuamente a concorrer a bolsas. Agora o Governo, a nível nacional, criou legislação em que abre contratos para essas pessoas que estiveram durante muito tempo com bolsas. Felizmente no nosso grupo temos pelo menos dois doutorados que estão abrangidos por esse sistema. Mas para poderem usufruir dessa nova legislação, tinham de estar com contrato com a FCT e tinham de estar a trabalhar já durante bastante tempo. Temos dois investigadores nessas condições e vai abrir um concurso, embora não seja garantido que eles fiquem naquela posição em que eles estão.

Podemos eventualmente, se tudo correr bem, fazer com que esses investigadores fiquem com um contrato de cinco anos, mais estável. Os outros, que não estavam em determinada data, definida pelo Governo, com contrato com a FCT é mais difícil porque têm de ser as instituições onde estavam a trabalhar a financiar os contratos deles de cinco anos. E muitas das instituições, quando a FCT não assegura esse valor, não se arriscam a contratar uma pessoa durante cinco anos.

Há uma série de pessoas nessa situação, não só no nosso centro mas noutros aqui na Universidade, no Faial e na Terceira. Pessoas que estão sempre preocupadas e realmente a situação delas é complicada porque não estavam com contrato com a FCT. São doutorados, tinham bolsas, mas tinham bolsas na Região ou com outra entidade, e se não for a FCT, fica a cargo da entidade para quem estavam a trabalhar abrir o concurso e isso é muito complicado para as entidades. Pela lei, deviam fazer isso. Mas uma coisa é a lei e outra é essas entidades terem meios para efectivar essas contratações.

Aqui também há essa precariedade?

Há essa precariedade e temos vários investigadores nessa situação. Por outro lado no Plano Plurianual da FCT para o próximo período de avaliação, estão previstas contratações de novos doutorados. Vamos ter uma verba de financiamento e depois, de acordo com as avaliações dos centros de investigação, aqueles que forem melhor avaliados para além de terem uma verba de funcionamento mais elevada, poderão ter, justificando e havendo orçamento ao nível do Governo da República e da FCT, novas contratações.

A nossa esperança é que para além dos que vão ser contratados agora devido à lei que já está em vigor, se o nosso Centro for bem avaliado, consigamos mais dois contratos. Porque os investigadores doutorados jovens, que se dedicam apenas à investigação, são jovens que já não são assim tão jovens, estão há muitas décadas a trabalhar e são muito dinâmicos. Dedicam-se essencialmente à investigação mas ajudam na orientação de alunos de mestrado, de alunos de doutoramento, na captação de novos projectos, na publicação de artigos e na organização de encontros.

Carla Dias



Aprox. 350g c/batata frita e 2 ovos
Hamburguer para dois



Pojadouro de 200grs
Bife Low Cost

Tel. 296 490 001 | www.aasm-cua.com.pt

A menos de 10 minutos de Ponta Delgada e R. Grande - RECINTO DA FEIRA - CAMPO DE SANTANA - 9600-096 RIBEIRA GRANDE

**Visite-nos!!
Faça a sua
reserva!**